

## Larissa Pelúcio e Raquel Cabral (org.)

*Comunicação, contradições narrativas e desinformação em contextos contemporâneos*

Cultura Acadêmica

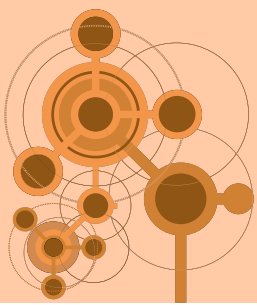
São Paulo, 2021

228 páginas



### João de Deus Dias Neto

- Doutorando em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).
- Mestre em Comunicação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).
- Pós-Graduado em Propaganda pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).
- Professor de Administração e Marketing na Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec São Paulo).
- E-mail: deus.neto@uol.com.br



# Comunicação para a paz: reflexões sobre cenários desafiadores para uma sociedade mais justa e igualitária

Communication for peace: reflections on the challenging scenarios for a more just and egalitarian society

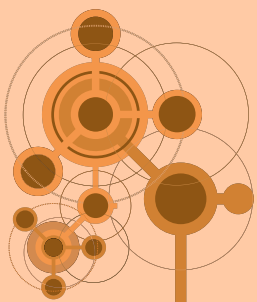
Comunicación hacia la paz: reflexiones sobre escenarios desafiantes para una sociedad más justa y equitativa

**C**omunicação, *contradições narrativas e desinformação em contextos contemporâneos* é uma obra que reflete sobre a relevância do esforço máximo possível de atores sociais, pesquisadores, cientistas sociais, comunicadores, instituições públicas e privadas, setores da sociedade civil e todo e qualquer ser humano que tenha consciência do papel da comunicação enquanto instrumento da busca incessante por uma sociedade global plural, com protagonismo da igualdade, liberdade individual e coletiva e da emancipação informacional como espaço para manifestação em ambiente de aprendizagem informacional e midiática. As contribuições presentes no livro permeiam múltiplos cenários e dimensões em que esta busca se operacionaliza.

DaMatta (1997, p.11), de forma criativa e brilhante, chama o leitor para conversar: "Um livro é como uma casa. Tem fachada, jardim, sala de visitas, quartos, dependência de empregada e até mesmo cozinha e porão". Atrevo-me a enveredar por uma metáfora análoga. Penso nestes escritos como uma edificação de quatro pavimentos, sem subsolos, térreo, andares e cobertura, que hierarquizariam os pavimentos. Apenas um pequeno prédio de quatro pavimentos, alicerçados pela comunicação para a paz. Filha natural dos Estudos da Paz (década de 1950), lança-se a seu destino, buscando entendimento sobre as formas de violência direta, estrutural e cultural, sobre as causas de conflitos díspares, singulares condições para a paz e, também, estratégias que tragam justiça social em todos os níveis. A obra alerta, denuncia e estimula reflexões sobre o papel da comunicação em tempos de recrudescimento da violência, do autoritarismo, do extremismo de direita. Ao mesmo tempo, indica e demonstra ações concretas e soluções qualitativas para combater, prevenir e mitigar os males da desinformação, das fake news e outros problemas correlacionados com a comunicação.

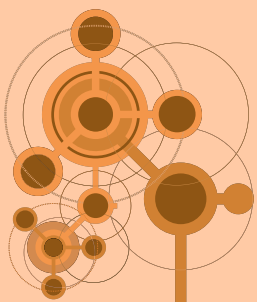
O livro, como um prédio de quatro pavimentos, possui, em cada andar, três salas de discussões, onde se externam percepções sobre cenários regionais e globais em que a comunicação e a *incomunicação* (pontes e muros) trazem suas respectivas consequências aos envolvidos.

O primeiro pavimento faz reflexões sobre "Discursos de ódio e comunicação para a paz". Pesquisadores espanhóis apresentam iniciativas transnacionais para mitigar a polarização social e midiática que empobrece os discursos e alimenta a violência. Tamer Al Najjar Trujillo, José Ignacio Martín e Eloísa Nos Aldás, em "Comunicando em tiempos de polarización: discursos transgressores, relatos alterativos y Espirales de Paz", mesmo após discorrerem sobre violências concretas (islamofobia), demonstram alternativas e a materialização das Espirais de Paz, contranarrativa ao medo e ao ódio. Da xenofobia ao racismo, à incivilidade política, às desigualdades agravadas pela covid-19, às questões identitárias, às políticas públicas na Espanha e à desinformação generalizada pela mídia também polarizada, os autores afloram propostas reais de comunicação, conectadas com a realidade social, para reverter a violência cultural e estrutural, a desigualdade e a injustiça social. Didática



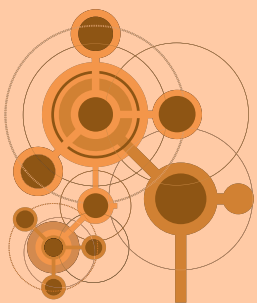
a apresentação da *Pirâmide do Ódio* e da *Rota da Islamofobia*, em suas dimensões estrutural e de legitimação simbólica e social, os autores assinalam a comunicação transgressora de mudança social pacífica, as Espirais de Paz e alfabetização midiática e projetos de comunicação para a paz. Já Natalia Uval, da Universidad Nacional de la Plata, em “El enemigo en las sombras: polarización y discursos de odio em el debate político en redes sociales en Uruguay”, pesquisa o debate político durante a campanha presidencial uruguaia de 2019 na plataforma do Twitter. Por meio da análise de conteúdo dos produtos de desinformação, fomentadores de desprestígio e enfraquecimento aos regimes democráticos, num recorte da América Latina, abarca a questão dos algoritmos fechando grupos, facilitando polarizações e desinformação. Conclui que a polarização está mais localizada offline, com atores “silenciosos”, prevalecendo a desinformação, não o discurso de ódio, em sua pesquisa. Na terceira sala estão Diuan Feltrín, Isadora Pinhabe, Juarez Xavier, Lucas Melara, Raquel Cabral e Thiago Galvão, com “Agenda 2030 e Comunicação para Paz: estratégias de visibilidade e territorialização dos ODS na realidade brasileira a partir de uma perspectiva crítica”, em que discutem a interdependência entre a Agenda 2030 e a comunicação. Os ataques aos saberes populares, a anticiência, as polarizações, a desinformação e os consequentes prejuízos a minorias submetidas aos diferentes formatos de violência são expostos. Apresentam o Guia Agenda 2030, integrando os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) a educação e sociedade, com inovação na extensão universitária, de forma a atender às questões da regionalidade. Focam os ODS sob um olhar da realidade brasileira e propõem a inclusão dos objetivos 18. Igualdade Racial; 19. Arte, Comunicação e Cultura; e 20. Povos Originários e Comunidades Tradicionais em âmbito global, além de seu envolvimento na comunicação para a paz, que, se operacionalizada com enfoque adequado, emancipa a sociedade, inclui e cria ambientes mais igualitários e justos.

Intersecções entre “Comunicação, política e resistências” serão debatidas no próximo andar. Michel Amâncio e Maximiliano Vicente discutem “Comunicação para paz e teoria crítica: reflexões no contexto brasileiro de fascistização e violência contra negros”. Fazem “resgate crítico” dos Estudos da Paz, considerando a violência contra negros e seus sistemas simbólicos no Brasil, revisitam as pesquisas de Galtung sobre violência, analisam o momento político brasileiro e apontam um Brasil que caminha para cenários de autoritarismo, discursos de ódio, violência contra negros e desrespeito às minorias; no olhar dos autores, a fascistização do país. Além disso, alertam para um conceito ultrapassado de paz, criado por nações envolvidas com as Grandes Guerras, sem considerar que, no Hemisfério Sul, conflitos diversos, organizações criminosas transnacionais e outros modos de violência, seja direta, estrutural ou cultural, opõem-se aos critérios europeus de paz. Pautam o princípio da não violência, buscando apoio em Paulo Freire, que pede que o oprimido se liberte da desumanização, também humanizando o opressor. Os autores também apontam indicadores promissores em termos de mídias e alternativas de comunicação, que fazem contraponto à fascistização do país, atuando pela mitigação da violência e em busca de paz e igualdade. A “Análise das contranarrativas publicadas na eleição de 2018 no Brasil: desinformação e fake news na pré-campanha presidencial”, de Caroline Luvizotto, Kárita Sena e Alana Volpato está em outro compartimento: informação enganosa, desinformação, má informação e outras tipificações ao redor do termo fake news são analisadas, enquanto se discutem alternativas para combatê-las por meio da educação do consumidor/cidadão, da alfabetização informacional e midiática, de contranarrativas com checagem de fatos, da criminalização via legislação e de ações das empresas de redes sociais e pesquisas na internet. As autoras interpretam mensagens que circularam em 2018 sobre os quatro candidatos mais votados, evidenciando notícias checadas, conteúdos contranarrativos e seu alcance. “O encontro da comunicação em Paulo Freire para tempos de desencontros”, de José C. Góes, se dá na última sala. Crise de humanismo, no período da pandemia da covid-19, é lembrada. A intersecção entre os postulados de Paulo Freire e a questão da comunicação humanizadora, que possibilita o verdadeiro diálogo, em vez da *comunicação bancária*, analogia à *educação bancária*, surge no texto como antídoto a ser aplicado aos males contemporâneos. O homem inacabado, a escuta prioritária, abertura ao conhecimento recíproco, transformação da realidade e, por fim, a esperança revolucionária pacífica, para “adiar o fim do mundo”. O encontro de sujeitos, para a humanização, é a verdadeira função da comunicação para a paz e para a justiça social.



Subindo um andar, as falas são sobre “Gênero, desinformação e articulação em rede”. Alessandra Farne, com “Comunicación y alfabetización para la justicia social: el caso del activismo feminista y pensionista en España”, nos espera. As manifestações nas ruas da Espanha, como a “maré de aposentados” e manifestações do movimento feminista (nas mídias, por direitos sexuais e reprodutivos e contra violências machistas), pautam as análises. Luzes para o enfrentamento às situações limite sobre pensões, espaço como jornalistas, direitos de gênero e outras faces da violência na sociedade espanhola. Farne alerta para estas experiências que, quando ativadas com interseccionalidade, potencializam as ações futuras e reforçam a necessidade da comunicação como instrumento essencial à luta pela igualdade de gênero e justiça social. Em “As Fridas, o capitão e o grupo da família: estratégias emocionais feministas para enfrentar a desordem da informação em tempos pandêmicos”, Larissa Pelúcio aborda a desordem informacional e os efeitos emocionais da desinformação nas relações entre pesquisadoras brasileiras na França e seus familiares, antes e durante o governo atual – período da pandemia –, e suas implicações em posturas autoritárias, negacionistas, misóginas, anticiência e de extremismo de direita. Experimentando os processos pertinentes a este cenário, Pelúcio fundamenta-se em pesquisa etnográfica cognitiva, antropologia das emoções, comunicação educativa e injustiça de gênero. Reforça que os estudos feministas e a sororidade são caminhos de conscientização e ações concretas para mitigação da desinformação ampliada durante o período pandêmico. Na última sala, “Comunicação e tecnologia como legitimadoras da violência de gênero em assistentes de voz”, Isabella Crosta, Karina Barros e Raquel Cabral fazem as discussões fluírem. Assistentes de voz como Siri, Cortana e Google Assistente, dentro das perspectivas da comunicação para a paz, da comunicação para a igualdade e das PeaceTech (tecnologia para a construção da paz), são alvo das percepções da autora, pois não existem respostas críticas às interações abusivas de usuários. Sem respostas críticas, contribuem para ambientes offline igualmente abusivos, cuja revisão, por parte da indústria envolvida, é necessária. Soluções se apresentam no artigo, como o movimento “Hey, update my voice” e estratégias comunicacionais e pedagógicas para fomentar diversidade e igualdade nas indústrias de tecnologia, além da contínua monitoração da violência cultural contra mulheres.

O último pavimento debate “Mídia, direitos e intersecções”. Em “Cultura, cidadania e YouTube: diálogos entre comunicação e direito para compreensão do fenômeno youtuber”, Felipe Mateus e Carlo Napolitano apresentam a fragilidade das leis brasileiras sobre radiodifusão e a teoria jurídica portuguesa. Lançam luz à relevância dos usos culturais e midiáticos do YouTube, bem como à responsabilidade da atuação dos youtubers, que dão visibilidade digital a minorias, fomentam trocas culturais e interações sociais diversas. Este espaço discute também “A desinformação em tempos de exceção: tecnopolítica, vigilância e literacia digital crítica”, dos pesquisadores portugueses Sofia Santos e Tiago Lapa. A biovigilância, globalmente amplificada pela epidemia mundial da covid-19, trouxe extrema insegurança em relação à privacidade dos dados dos cidadãos, em inúmeros países. Como consequência, direitos humanos básicos foram rompidos e privacidades vulneráveis atentam contra sistemas democráticos. A aceleração da circulação de dados, via novas TICs, acentuaram o problema. A discussão sobre tecnopolítica, em terreno de vigilância e estado de exceção, gera preocupação a todos os envolvidos, tornando premente uma investigação sobre este solucionismo tecnológico e respectivas ações políticas. A sala final chama-se “Não há contradição narrativa: princípio liberal se sobrepõe ao paradigma social no entendimento sobre liberdade de expressão exarado nos julgados do STF”, de Débora Teodoro e Carlo Napolitano. Liberdade de informação e liberdade de expressão são confrontadas. Postulados e reflexões sobre o livre fluxo da informação de cunho liberal, o Relatório MacBride e Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação, as políticas públicas pertinentes à comunicação e liberdade de expressão sendo dificultadas, as ações exploratórias das empresas dominantes dos meios de comunicação dão forma a esta complexa estrutura de análise. No Brasil, vários processos são julgados no Supremo Tribunal Federal (STF), com um olhar liberal, sem a contextualização com a realidade social e econômica de nosso país, criando-se espaço para confusões como “liberdade de empresa e liberdade de imprensa” e práticas em que comunicação não se dá pelo diálogo, muito menos pelo mercado de ideias. Os autores concluem citando avanços no campo comunicacional fundamentados em direitos sociais, para uma sociedade plural e justa.



A linha de pesquisa "Processos midiáticos e práticas socioculturais", do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Bauru (SP), materializa valor agregado a seus debates e articulações transnacionais com esta produção qualitativa e plural.

## REFERÊNCIAS

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PELÚCIO, Larissa; CABRAL, Raquel (org.). *Comunicação, contradições narrativas e desinformação em contextos contemporâneos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.

---

Texto recebido em 1/8/2022 e aprovado em 8/8/2022.